
AUTRAN DOURADO: PARÓDIA, PARÁFRASE E POÉTICA DO ROMANCE¹

Sonia Marques Joaquim CARNEIRO²

RESUMO: O plurilingüismo e o discurso dialógico de Autran Dourado retomam intertextualmente a linguagem de outras poéticas, textos e gêneros. O romance *A Barca dos homens* (1961) apresenta, entre outros aspectos temáticos e estruturais, uma crítica à historiografia oficial e uma poética da narrativa.

UNITERMOS: Literatura Brasileira, intertextualidade, paródia, metalinguagem.

O discurso parodístico é irônico e ambíguo; reconsidera um determinado texto dando-lhe nova forma, sem endossá-lo, mas criticando-o ou satirizando-o.

Na paráfrase, a apropriação tem um sentido análogo ao original e trabalha com um desvio menor; na paródia, o sentido fica invertido no aspecto de modificação da estrutura e do significado do paradigma pri-meiro.

Mesmo que ambas tenham a condição de discurso dialógico e estejam voltadas para outro enunciado discursivo, é necessário que, nos dois casos, a apropriação fique deliberadamente evidente. O

¹ Este artigo sintetiza um dos itens da Dissertação de Mestrado *A Matéria de Construção em Autran Dourado*, Assis: F.C.L / UNESP. -19800-000 - Assis/SP - Brasil.

² Prof^o. do Departamento de Ciências Humanas da FAAC - UNESP - 17033-000 - Bauru/SP - Brasil.

dialogismo bakhtiniano reflete a palavra ambivalente, de dupla significação; incorpora-se, em determinados textos, linguagens e estilos de outros, para neles introduzir novos sentidos, sem perda da identidade original.

A linguagem narrativa de Autran Dourado em *A Barca dos homens* é expressa, em algumas partes, através de paródias e paráfrases. Volta-se para discursos anteriores, de outros autores. O romance contém uma intertextualidade específica à literatura de viagens dos cronistas portugueses e uma paródia à historiografia oficial. Através da ambivalência da paródia, tem-se, nessa obra, uma transposição dos acontecimentos históricos para um plano a-histórico e irreal.

Autran Dourado joga com a linguagem, introduzindo desde pontos de vista ideológico-verbais dos cronistas, até o mundo das personagens pertencentes a grupos sociais diversos. Apresenta, ainda, a linguagem coloquial de algumas dessas personagens e a linguagem erudita e arcaica dos historiadores oficiais, que registravam em crônica observações das novas terras.

A literatura de viagens introduz no romance uma linguagem diferente. É inserida, sem advertência alguma, no terceiro bloco da primeira parte, *A casa da câmara*, e no início da segunda parte, *As Ondas em mar alto*. O leitor percebe a intertextualidade através da mudança estilística, que se expressa, principalmente, no tom solene do léxico arcaico e erudito e no tratamento Senhor e Vossa Alteza, cujo destinatário é *el-Rei*. Encontramo-nos diante de uma época histórica anterior à da diegese, pela incorporação de um outro gênero ao romance, dando-lhe estilo todo particular:

Fez-se noite, Senhor. Se me foi feita mercê de sua audiência, Senhor (...) Vossa Alteza terá visto o zelo e o comedimento com que trato as coisas que falam dos perigos que se expõem os soldados e o comum das gentes que cuidam da maior largueza do Império e do maior poder da Fé. (Dourado, 1976a, p. 156)

Preende-se, acredito, através desta paródia, desnudar a falsa glória do império português, firmado sob a égide do poder e da fé. O que

restou em Boa Vista da antiga civilização? Tão somente a arquitetura desgastada e corroída pelo tempo, embora ainda exuberante e grandiosa, contrastando com a pobreza dos habitantes do lugar.

A arquitetura colonial tem sua marca na Casa da Câmara, localizada na ilha de Boa Vista, na parte velha da cidade. Construção imponente, em estilo barroco, assemelha-se ao sobrado de *Ópera dos mortos* (1967): volutas barrocas, porta almofadada, telhado achinesado, cuja construção datava de 1710. Em cima do telhado ficava a Torre do Sino, embaixo, a cadeia. A obscuridade contrastando com as formas claras:

Uma construção de pedra, uma massa pesada. Alta noite, tinha o aspecto lúgubre: deitava como um bafo de miasmas, escuridão do telhado de tempo e chuva, das janelas de baixo, guarnecidas de grades toscas, onde ficavam os presos. De dia, a luz onde ganhava tudo e a Casa da Câmara era apenas triste e monumental. (Dourado, 1976a, p. 54)

Do antigo império que deixara nas construções a sua suntuosidade, só se observa agora a miséria que se alastra na parte baixa da cidade: mar feio e sujo, nódoas de óleo, mar de pobres e esfarrapados; resíduos de lixo e peixe podre; junto às barcas, o beco das mulheres doentes e sujas; as casas coloniais arruinadas. Ironicamente, o narrador-cronista comenta: *Esta terra, Senhor, em tal maneira é graciosa...*, alusão clara à carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei D. Manuel, escrita em 1º de maio de 1500, onde o cronista relatou o que viu e fez seus comentários. Observe-se a apropriação que se fez ao texto original do cronista português, do qual transcrevo aqui o trecho parodiado:

Esta terra , Senhor (...) As águas são muitas, infindas; em tal maneira é graciosa, que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem. Porém, o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece, será salvar esta gente, e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar. (Caminha, p. 53)

A passagem da linguagem dos outros narradores para a linguagem do cronista obscuro é brusca. A construção das frases, o tom cerimonioso dirigido ao rei, não é apenas a fala de uma outra pessoa, mas um discurso num tom arcaizante, estranho aos outros narradores. É a linguagem oficial dos cronistas portugueses dando conta dos relatos em forma de crônica. Ao tom solene, justapõem-se enunciados irônicos, que são marcas da paródia.

Embora conservando a fala original, *Esta terra, Senhor, em tal maneira é graciosa*, sabe-se que ocorrem modificações contextuais, indubitavelmente. Novas perspectivas são criadas com a transferência da frase original da carta de Caminha para o contexto da obra de Autran Dourado. Até certo ponto, encontramos-nos aí defronte a uma paráfrase, onde o narrador-cronista imita um modelo de linguagem, suprimindo elementos e acrescentando outros para fins estéticos. Note-se que a repetição dos vocativos *Senhor* e *Vossa Alteza* é usada em função análoga à do texto primeiro. Era a forma usual de tratamento ao rei. Também são parodiadas outras falas desse mesmo cronista, especialmente a ingenuidade de seus comentários (*terra graciosa*) e a clara ideologia de uma cristandade medieval de que ele é portador (*salvar a alma dos índios*). Contextualmente, o vocábulo *graciosa* contrasta com a miséria descrita pelo narrador.

É nítida, então, a intenção parodística, assim como o propósito satírico e irônico em alguns trechos de *A Barca dos homens*: *'Apenas na rua que ia dar no Largo da Câmara, dois ou três sobrados tentavam continuar a crônica ordenada pelo chafariz, mentir uma riqueza antiga, uma glória que não houve'*. (p. 53)

Trata-se, além da ironia pelo contraste da miséria citada anteriormente com o epíteto *graciosa*, de uma crítica direta acerca da idealização da terra colonizada, realçada pelos cronistas que procuravam retratar uma falsa glória do Império: *Ali mesmo onde os descobridores, em tempos remotos, plantaram o seu padrão de vitória. Um padrão de pedra com as suas armas, com as armas do Rei. Ali na praia prainachan, Senhor*. (Dourado, 1976a, p. 52). O cronista obscuro continua comentando que, ao lado da arquitetura e do chafariz que realçavam a nobreza da colônia, existe agora, na entrada da ilha, um lugar diferente, ou melhor dizendo, um lugar visto com outros olhos:

Na entrada da Ilha da Boa Vista, (...) um mar feio e sujo, mar de estopas e nódoas de óleo, um mar feio e sujo, mar de pobres e de trabalhos e de chupas de laranja podres, um mar de pescadores e de pretos, na entrada da ilha ainda se via escuro o marco que os descobridores deixaram. A terra era do Império, a Fé dilatada até o outro mundo. Esta terra, Senhor... (Dourado, 1976a, p. 52-53)

Essa visão crítica traz o discurso de uma outra voz, a de Fernão Lopes, considerado o melhor cronista medieval português, anterior aos descobrimentos marítimos. Na Crônica de D. João I, o historiador português revela o seu desejo de sempre escrever a verdade, deixando de lado os elogios falsos, para mostrar ao povo as coisas que realmente aconteceram. Procura certificar-se sempre em documentos variados e em escrituras *vestidas de fé*, nas fontes documentais, submetendo os fatos a uma análise crítica.

No prólogo da primeira parte da *Crônica Del Rei Dom João, da boa memória*, Fernão Lopes dá a sua forma de escrever; o cronista de *A Barca dos homens* faz o mesmo. Note-se aqui a realização metalin-güística, onde o escritor português explica como e de que forma narra:

Assim que a terra em que os homens por longo costume e tempo foram criados, gera uma tal conformidade entre o seu entendimento e ela, que havendo de julgar alguma coisa, assim em louvor como ao contrário, nunca por eles é diretamente recontada; porque louvando-a dizem sempre mais daquilo que é, e, se de outro modo, não escrevem suas perdas tão mingudadamente como aconteceram. (Lopes, p. 01)

Veja-se, ainda, outro momento em que Fernão Lopes continua mostrando como compõe a sua crônica:

E nós, enganados por ignorância de velhas escrituras e desvairados autores (...) ou contaram mais curto do que foi, ou falaram mais largo do que deve; mas mentira, em este volume, é muito afastada de nossa vontade. (p. 02)

Já ao cronista de *A Barca dos homens*, elaborará sua crônica buscando simetria com o fazer literário de Fernão Lopes. A referência ao texto do autor português é direta:

Mas a Casa da Câmara - não vamos mais na ordenação desta história e no risco, Senhor, porque seria longo de ouvir. E o homem que ordena histórias não deve contar mais curto do que foi ou mais largo do que deve. Tal aprendi com os que en-sinam a pôr em crônica sucessos de natureza vária.

(Dourado, 1976a, p.55)

Neste fragmento, o escrivão de *A Barca dos homens* dirige-se a um rei imaginário, exercitando a metalinguagem do seu fazer literário. Uma poética do romance é o que também se revela na abertura de *Ópera dos mortos* (1976), através da construção do sobrado.

A linguagem de *A Barca dos homens* apresenta em sua estrutura uma síntese de textos de alguns cronistas da historiografia oficial, como é o caso de Pero Vaz de Caminha, da época do descobrimento do Brasil, de Fernão Dias, anterior a isso, e, ainda, dos vários escritores de narrativas de naufrágios, as quais foram reunidas em volumes que vieram a integrar, mais tarde, a *História trágico-marítima*.

À página 157 de *A Barca dos homens*, o cronista obscuro cita o nome de Fernão Vaz Dourado, cartógrafo português do século do descobrimento, *moço de muitas virtudes e bom risco de cartas marítimas*, referência essa que vem a confundir o narrador com o cronista, já que o risco para Autran Dourado é a narrativa, “o texto, o tecido”. (1976b, p. 123)

O nome, Fernão Vaz Dourado, é uma síntese dos dois cronistas, Fernão Lopes, Pero Vaz de Caminha, além do próprio Autran Dourado. Apresenta-se, assim, à nossa vista, um fusionismo de gêneros e linguagens. Como Pero Vaz de Caminha, o narrador obscuro pede um favor ao rei para um parente seu:

E por derradeiro, se algum merecimento Vossa Alteza achar nesta relação que vou ordenando, faça-me a mercê, não para mim que tudo confio na magnanimidade de Vossa Alteza, de um acrescentamento na tença de meu filho Fernão Vaz Dourado"... (Dourado, 1976a, p. 157)

Analogamente, no final da carta, à página 53, Caminha pede ao rei que lhe faça a *singular mercê* de trazer seu genro de determinada ilha. A intertextualidade é clara e intencional.

Em *A Barca dos homens*, a paródia de estilos e de poéticas desenvolve-se através da pena do cronista que escreve a um rei imaginário. A crônica vai sendo composta num tom irônico e crítico. Além da nítida intencionalidade em parodiar tais textos, essa parte da obra pode ser considerada também uma poética da narrativa, à medida que o cronista explica o seu ato de escrever:

Se me foi feita mercê de sua audiência, Senhor, e esta história que vou compondo para maior glória do Reino nestas terras antes encobertas, por ronqueira muita vez se perde em baixios e calmarias ou não acompanha o risco que tracei de princípio, que tudo é necessário para grande entendimento da relação que venho fazendo da lastimosa viagem da barca dos homens... (p. 156)

Outras referências do narrador obscuro do romance de Dourado insistentemente reiteram a sua forma de composição literária. Observe-se:

Nós falaremos agora manso, algumas vezes picado. O próprio mar. (p. 54)

Gostaria de compor a crônica que o chafariz ordenava, Senhor. (...) Vossa Alteza haveria certamente de gostar de uma descrição espichada e miúda do chafariz, que mostra como a arte do Reino encontrou aqui continuadores de engenho. (p. 161)

O nosso escrivão-mor, que está incumbido de tudo dar notícia, contará mais comprida e miudamente a história do chafariz com as armas do Reino, Senhor. (p. 161)

Ainda agora, para compor a minha história, em que falo manso como de meu natural e feitio, recorri a muitos desses relatos para ver a melhor maneira de agradar e não aborrecer Vossa Alteza e os homens de escrita a seu serviço. (p.162)

Também a problemática social surge sub-repticiamente através de observações críticas da condição humana, pois não era apresentada explicitamente pela historiografia oficial:

Não, a Casa da Câmara não era apenas arquitetura barroca e história. Nas prisões, no inverno, a umidade e o frio entravam pelos ossos a dentro, os olhos dos presos ficavam pálidos e agudos, como o mar sujo, como estopa; no verão, o bolor, o mau cheiro, o mofo quente...(Dourado, 1976a, p. 55)

A arquitetura barroca não é apenas um retrato de glória e de suntuosidade. Constitui-se também num retrato obscuro de exploração e despotismo, convivendo miséria e sofrimento em suas paredes espessas, e nas úmidas e escuras prisões. Uma visão histórica mais crítica é passada através de um realismo convincente e cru.

Na parte baixa da cidade, todos os elementos se confundem, numa simbiose de peixe e gente:

Ali, atendendo ao apelo da sirene e ao rumor surdo da fome, vinham os pescadores do continente e os da ilha vender o seu peixe, deixar a sua escama. As lajes de pedra do pequeno cais cheio de gritos e de homens sujos e rotos, de olhos como peixe, de olhos e rostos queimados pelo sol cru do mar alto, ficavam recobertos do brilho das escamas, da sujeira dos homens e dos peixes. (Dourado, 1976a, p. 53)

A historiografia do cronista de *A Barca dos homens* é feita através de uma apreciação crítica dos fatos. Tal enfoque não era dado pela crônica oficial do reino, subordinada que era à imposição religiosa e à orientação social e política da Corte. Pretendia-se manter, em nome da fé, o monopólio do comércio português ultramarino. O estilo grandiloquente de alguns cronistas em relação à nobreza, à Corte e à expansão marítima, depreciava deliberadamente a força popular. Fernão Lopes diferencia-se desses por sua visão de conjunto, salientando também o individual e os movimentos do povo.

A colonização sempre foi mostrada, pelos relatores oficiais, sob a forma mais favorável. O sarcasmo das frases, *era motivo para turistas apressados cismarem sobre o passado de glória da terra; quem a riscou sonhava com certeza uma grande cidade, com o Império e a Fé* (Dourado, 1976a, p.54), distingue a visão ideológica do cronista narrador de *A barca dos homens* dos demais. Ao apresentar o contraste social, a vida miserável dos pescadores e a prostituição, desmorona a versão oficial.

O cronista de *A Barca dos homens* oferece ao leitor um documento realista das condições de vida da população. Ele é também uma síntese dos vários narradores da *História trágico-marítima*, constituída de várias descrições de naufrágios, ocorridos no período de 1552 a 1602. No século XVIII, (1735/1736), Bernardo Gomes de Brito reuniu as histórias na obra supracitada, composta de dois volumes. Os livros contêm uma compilação de relatos de vários autores, alguns anônimos e outros retocados pelo compendiador. São mostradas as horas dramáticas dos naufrágios e a conseqüente peregrinação dos que conseguiram se salvar, caminhando léguas por caminhos inóspitos. As situações aflitivas dos naufragos lembram em muito a trajetória de Fortunato pela ilha, acossado como um bicho, passando fome, frio e medo.

Os narradores de *A Barca dos homens* citam todos os naufrágios incluídos na edição original da *História trágico-marítima*, assim como fazem citações diretas a essa obra. Um dos relatos de naufrágio, o da perda do Galeão Grande São João, em 1552, em que estavam Manuel de Sousa Sepúlveda, sua mulher, Dona Leonor de Sá, e filhos, inspirou Camões a escrever um dos episódios de *Os Lusíadas* (Canto V, estâncias 46 a 48), obra que retrata o ideal renascentista da época; apresenta também a história de Portugal, orientada para a missão da dilatação da fé, com o objetivo de divulgar a ideologia oficial do expansionismo português.

Nesse aspecto, embora obra menor, a *História trágico-marítima* apresenta o reverso da questão. Seus narradores mostram *coisas de espantar*, sendo os naufrágios o preço a pagar pelo domínio do comércio no Oriente e pela descoberta da América e *A Barca dos*

homens reforça criticamente essa idéia ao mostrar, entre outros temas, a falsa glória da colonização.

CARNEIRO, Sonia Marques Joaquim. *Autran Dourado: Parody, paraphrase and poetics of the Novel*. INSTRUMENTO CRÍTICO. Vilhena, 1: 87-96, 1998.

ABSTRACT: Autran Dourado's plurilinguism and dialogic discourse intertextually recapture the language of other poetics, texts and genres. The novel *A Barca dos Homens* (1961), among other thematic and structural aspects, presents a critique to official historiography and a poetics of narrative.

KEY-WORDS: Brazilian Literature, intertextuality, parody, metalanguage.

Referências Bibliográficas

- CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a el-Rei D. Manuel*. Rio de Janeiro: Edição do S. D., 1. de maio de 1500.
- DOURADO, Autran. *A Barca dos homens*. 4. ed. São Paulo: Difel, 1976a.
- *Uma Poética do romance: Matéria de carpintaria*. São Paulo: Difel, 1976b.
- LOPES, Fernão. *Crônica de D. João I*. Vol. I, Barcelos: Livraria Civilização, s.d.

Bibliografia

- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- *Questões de literatura e de estética*. Trad. Aurora Bernardini et al. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1988.
- BRITO, Bernardo Gomes de (org.). *História trágico-marítima*. Vols. I e II. Afrodite, 1971.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. 15. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.
- SANT'ANNA, A. Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Ática, 1988.

SARAIVA, A. José e LOPES, O. *História da literatura portuguesa*.
2. ed. Portugal: Porto Editora, 1973.